

# Para vocês! – Por Ana Costa

written by Ana Costa | 22 de Julho, 2025

**OCIDADÃO**  
Journalismo Livre

**CRÓNICA**  
Ana Costa



Acho que talvez não vos tenha dito tudo... Na verdade, agora que reflito terei dito pouco.

**Quando a escola fechou** – não só para férias, mas para sempre – senti que ficava qualquer coisa por terminar, como quando deixamos uma frase a meio ou como quando adormecemos antes de um filme chegar ao fim.

Por isso escrevo. Para vocês. (Não para ensinar, nem para explicar. Só para agradecer.)

A vocês que chegavam atrasados, de passos apressados e olhos aflitos, como quem queria ser invisível até chegar ao lugar. A vocês que evitavam o meu olhar com receio de ouvir o “*então, aconteceu alguma coisa?*”. E mesmo assim, chegavam. E eu aprendi a ver para lá do atraso: o esforço de sair de casa, o cansaço de quem já trazia o dia às costas antes da aula

começar. Com vocês estou a começar a aprender que a pontualidade pode não ser sempre sinal de presença, e que há presenças que chegam devagar.

A vocês que me obrigavam – com jeito ou com teimosia – a ter conversas infinitas sobre como a matemática era fácil. Que me desafiavam, que reclamavam, que torciam o nariz à tabuada e aos problemas de mais de três linhas. A vocês que me ensinaram, sem querer, que ensinar não é só explicar. É negociar, escutar, adaptar. E rir. Rir muito. Porque vocês, entre protestos e piadas, fizeram da minha sala de aula um lugar sempre mais leve.

A vocês que puxavam por mim, com um brilho nos olhos, para que eu contasse histórias que não vinham nos livros. Aquelas perguntas que começavam com *“Professora, já agora...”* e que me levavam por tangentes deliciosas: a origem das palavras, curiosidades da ciência, memórias da minha infância, coisas da vida. Vocês lembraram-me de que aprender não é só cumprir um programa. É abrir janelas. E eu abri-as, tantas vezes, e com muito gosto.

A vocês que sabiam, mesmo sem saber porquê, quando eu precisava de silêncio. De um gesto. De um abraço. Que percebiam os dias em que a minha voz vinha mais baixa, os olhos mais fundos. A vocês que me ofereciam desenhos, bilhetes, piadas ou apenas uma presença calma. Que me davam o que nem sabiam que davam: apoio, ternura, humanidade.

A vocês, que sem o saberem, me ajudaram a viver com a ausência do meu Pai. A carregar o luto nos dias em que ele pesava mais do que eu. A vocês, que distraíam a minha dor com a vossa vida. Com a vossa energia, com os dramas dos recreios, com a desordem boa de quem está a crescer. A sala de aula foi, muitas vezes, o meu refúgio. E vocês foram o meu chão.

A vocês, todos, que eu adoro. Que moram agora numa parte de mim onde não há notas, nem avaliações, nem reuniões de

professores, nem papéis sérios para assinar. Só lembranças. Os risos e as gargalhadas. A autonomia de ir à casa de banho sem pedir. A cara de espanto ao perceber uma explicação. A festa porque a nota subiu. A lágrima quando algo doía. Os olhos atentos, os cadernos rabiscados, a voz de um *“professoraaa!”* dito com carinho e caos.

A escola fechou. É verdade. As portas trancaram-se. Os corredores ficaram mudos. Mas vocês não. Vocês continuam a existir dentro de mim.

E é estranho pensar que posso não vos ver mais. Que alguns de vocês talvez nunca mais me reconheçam na rua. Que talvez um dia se lembrem apenas de uma professora *“que era simpática, às vezes brava, mas contava boas histórias”*.

Eu lembro-me de cada um de vocês com uma nitidez que dói. Não como alunos. Mas como pessoas. Acho que nunca vos disse, mas foi isso que vocês sempre foram para mim: pessoas inteiras. Em construção, é verdade, mas inteiras.

E se ensinei alguma coisa – alguma mesmo – foi porque me ensinaram primeiro a amar esta minha profissão, este ofício e se ser professor, tantas vezes mal-entendido. Há ligações que não precisam de espaço nem de tempo. E esta, a que tenho convosco, é uma dessas.

Continuem! Façam barulho! Perguntem muito e riam ainda mais. E nunca duvidem: uma professora nunca esquece os seus alunos! Muito menos os que a ensinaram tanto.